

A MEMORIA

PUBLICAÇÃO SEMANAL

Redacção e impressão, Typographia SILVA CALDAS
Rua da França, 123

Responsavel
Domingos José da Silva

GUIMARÃES, DOMINGO 3 DE FEVEREIRO DE 1901

A LIBERTINA



odos nós que compreendemos a altíssima missão da mulher, que lhe apreciamos os encantos de adolescente, a ternura e a dedicação de mãe, sentimo-nos de véras contristados ao vel-a de todo entregue á vida dissoluta, á libertinagem que deprime quem tão alto deveria manter-se!

Infelizmente este mal não tem remédio eficaz. A historia da humanidade diz-nos que em todos os tempos a nossa fragilidade se revelou, d'este modo.

A religião christã, toda tendente a moralisar o povo, tem, é certo, obstando á propagação do mal, mas de modo algum conseguirá por-lhe termo.

O espirito da epocha influe poderosamente no crescendo que ora se nota, porque as aspirações desmedidas invadiram já os desprotegidos da sorte, os que vivem uma vida de privações, e... a necessidade do luxo é, como a fome, inimiga da virtude. Um ou outro caso que se afaste da regra, constitue a infalível excepção.

Se os paes obrigassem as filhas ao trabalho assiduo e honesto, desde quando as loucuras da juventude não vão além dos folguedos que lhe são proprios e que a moralidade não reprova, muitos e muitos males poderiam ser evitados.

Mães de ordinario (é forçoso disel-o) a elles teremos de attribuir muitos perigos d'estes, porque (sempre a aspiração desmedida!) não relevam que as filhas do seu visinho, que é egualmente pobre, usem meia pretra, chinellinha de verniz, casaco de mangas de presunto, cabello alto e ganchinhos (bellezas) sobre a testa, especie de pontos de interrogação que alli ficam a matar... quando as suas andam rotas e descalças. Que faser, pois, para as filhas *não serem menos* do que as do visinho? Vão para costureiras, que é modo de vida limpo, ou empregam-se nas fabricas onde o sol não lhes cresta a cutis delicada.

E isto seria um bem, se o salario preciso para o pão quotidiano não fosse absorvido todo ou a maior parte na fina meia prêta, na chinellinha de verniz, no casaco com mangas de presunto etc., etc.

Com a absorpção do salario vae muitas vezes a absorpção da moralidade, o que é peor!... Surge a libertina, com aspirações que ultrapassam os limites traçados pela pobreza da sua condição; o pobre lar de seus paes é triste, insupportavel; os irmãosinhos rôtos são uma vergonha para ella, que se ostenta vaidosa da sua formosura, da sua mocidade e da sua apresentação relativamente distincta. Depois... o que se vê ahi todos os dias—despresos iniquos, dôres pungentes, miserias tristissimas—toda uma tragedia, em que a libertina com falsos sorrisos encobre as saudades do pobre lar de seus paes, onde o amor era uma realidade e a ventura stava como os olhares dos irmãosinhos rôtos...

A figura da moralidade vela o rosto, para encobrir lagrimas e a esttua da sem-razão ri com o riso satânico dos verdugos, que vencem!

Quadro vernal

Crepusculo; rubro, o sol
Vae tombando lentamente;
N'um galho d'arvor, dolente,
Canta um lindo rouxinol;

Trindades os sinos dão;
Desponta a lua nos ares;
Nas azinhagas, aos pares,
Lavradores orando vão;

Chiam os carros, distantes;
Das chaminés bem caídas
Sobem fumos, tremulantes;

Sete horas; tudo descança;
Nos curraes mugem boiadas;
Vagarosa, a noite avança...

Vianna do Castello.

JULIO DE LEMOS.

Poétas mortos

(Continuado do n.º 20)

Serenados os animos, continuou aquella memoravel sessão mais placidamente, terminando por ser votada por unanimidade a proposta do Luiz Lima.

A' saída da reunião dizia-me o Eduardo Coimbra muito indignado:

—São mais tapados do que as portas; são mais burros do que o burro mais burro!

Porque tu,—continuava elle, parado na rua do Triumpho, o chapéu desabado descaído sobre a orelha, os olhos brilhantes de cólera e os punhos fechados,—tu não és um animal como elles e decerto comprehendes bem a minha indignação!—e soltando uma gargalhada sarcástica—ah! ah! ah! que alarves! Andarem por essas ruas pedindo esmola para se levar a effeito um espectáculo... gratuito! E' de morrer... de nojo! Mas, porque estás tu tão espantado a olhar para mim? Anda, diz para ahí alguma coisa, desembucha! Ou estarás connivente com elles?

Effectivamente, havia alguns minutos que eu olhava estupefacto para o Coimbra, ouvindo-lhe o palavreado como que em sonhos porque toda a minha attenção se fixava nos seus olhos scintillantes, no seu modo de fallar, nas

maneiras afadistadas, enfim n'aquelle todo que certamente não era, não podia ser o Eduardo Coimbra, porque o outro, o Coimbra pacato, sereno, meigo e sério de quem eu era amigo intimo, nunca poderia apresentar-se-me com aquelles modos de fallar e de pôr o chapéu ás tres pancadas, com aquellas expressões algo *exquises*, com aquelle todo extraordinario que me espantava!

Já na reunião, quando elle pedira a palavra, eu notara alguma coisa de anormal nos seus modos; não fizera porem grande reparo e, embora quizesse fazel-o, era-me totalmente impossivel em face d'aquelle brou-ha-ha indescriptivel. Agora, mais a sangue frio, examinando-o serenamente, tranquillamente, socegradamente no meio d'aquelle bella rua do Triumpho eu dizia de mim para mim que me tinham mudado o Coimbra!

Estava eu n'estas tristes reflexões quando ouço uma voz por detraz de mim exclamar:

—Olá! Que diabo estão vocês ahí a fazer?

Voltei-me e deparei com o Luiz d'Aviles Pinto Basto, meu 2.º secretario.

—Onve! gritou o Coimbra agarrando-lhe n'um braço, se pertences á *troupe* dos asnos vai... vai para um convento...

—Se querem ver que temos agora injeção de Hamlet á 1 hora da noite, interrompeu o Luiz d'Aviles.

—Cala-te, desgraçado! Cala-te e... vai... para o diabo que te carregue; já vejo que és janisaro... não és dos nossos... E tu, exclamou voltando-se para mim, se tens as mesmas ideias, vai tambem com elle e deixa-me e deixem-me ficar aqui só com os meus pensamentos, com a minha indignação, com a minha colera no meio d'estas trévas que eu adoro porque me são fieis, como é fiel o protagonista do *Fiel* de Guerra Junqueiro! Ide, ide e deixai-me com os meus pensamentos!...

—E com o meu vinho do Porto, exclamou o Luiz.

—Hein! gritei eu, tu deste-lhe vinho fino?

—Dei; e por signal que este alarve que aos outros chama alarves, teve a habilidade de beber meia garrafa!

—Agora, agora, exclamei, por isso eu o estranhava, o desgraçado está bebendo!...

—Bebedo! interrompeu o Luiz, archi-bebedo, olha, olha para elle.

Olhei e vi o pobre Coimbra estendido no passeio roncando como um orgão. Enquanto eu me sentava no passeio e collocava a cabeça d'elle nas minhas mãos, corria o Luiz a arranjar uma tipóia.

Passada meia hora o Eduardo dormia a somno solto na minha cama porque nós tivemos escrupulo em levar-o n'aquelle estado para casa.

Casa d'Area,
29-1-901.

(Continúa)

VASCO LEÃO.

Oh! As mulheres!...

Numa bella tarde de maio eu e o João, um meu condiscipulo poeta, a quem uma grande communiidade de sentimentos e de gostos me ligára n'uma amizade solida, passeavamos indolentemente, o cigarro na bocca, ao longo d'um dos passeios que defrontam a praça.

Um dos professores tivera a amavel lembrança de adoecer e nós gosavamos delicia-dos um feriado que o imprevisito tornava saborosissimo.

Aquella hora, uma da tarde, um sol magnifico inundava a praça deixando apenas na sombra um dos passeios o fronteiro á Camará, aonde encostados pela parede e pelas portas, parados em grupos, conversavam os ociosos e os dandys sem trabalho. Eram alli certos todos os dias, sempre os mesmos, indo uns conversar sobre politica, fazer a digestão do almoço e o appetite para o jantar os outros esperar obstinadamente, e em vão talvez, alguma mulher com dote que se apaixonasse pelos seus collarinhos lustrosos, pelas suas calças com festo.

Nós escolheramos o outro passeio, batido do sol que, á falta de grupos, era apenas animado do movimento de pessoas apressadas que passavam, e onde no lagedo luminoso se recortavam em sombras largas e crúas os tol-des descidos das lojas.

Na cervejaria Camanho dois inglezes rigidos beberriam cerveja fallando sem gestos, e pelas portas abertas sahia a voz do Camanho acariciando com phrases d'um gallego terno, sentado por dentro do balcão, um gato negro que se esfregava sensual pelos copos afunilados da cerveja alinhados dentro d'uma grande cesta amarella e baixa.

—Tivemos sorte, que linda tarde, hein? disse eu deitando um olhar alegre pela praça faiscante de luz, onde, todo negro sobre o pedestal de marmore branco, o Rei Soldado estendia um papel de bronze aos cavallos philosophicamente tristes dos trens de praça.

—Não está feia, não... E se nós fossemos até ao Seminario... Que dizes?...

O meu amigo tinha um predilecção especial por aquellas ruinas onde, por entre aservas espessas e arvores pequenas, elle dizia ter descoberto a porta d'entrada, a escada principal...

—Vamos lá respondi sorrindo, apesar de que não se me dava d'ir até á Foz... a pé, é claro.

—E' longe e já é tarde, disse concisamente o João puchando do bolso um cigarro, que jantava ás quatro... eu bem o sabia...

—Que diabo! continuou batendo com as mãos espalmadas todos os bolsos, perdi os phosphoros... não tenho phosphoros. E olhava-me n'um pedido mudo.

—Nem eu. Deixei-os em casa o que me acontece a miudo. Vamos compral-os. E des-

ceamos o passeio em direcção ao *Kiosque*.

Pachorrentamente dois sotas atrellavam muares a um americano parado; um sujeito passava a cavallo, saudado por quasi todos os habitués do passeio; compassadamente retinia a distancia a campaiuha forte d'um carro electrico...

No *Kiosque* um sujeito gordo, curvado com interesse contemplava uma gravura do *Petit Journal* em que havia um revolver a fumegar e uma mulher cheia de sangue, estendida de costas no soalho...

—Uma caixa de phosphoros, amigo Sebastião! gritei atirando um vintem sobre o rebordo de ferro.

—Ora viva... Então uma caixinha de phosphoros de vintem, sim?... lá vae... lá vae. E o Sebastião que agitava apressado uns jornaes, tirou do prende papeis o *Petit Journal* estendendo-o respeitosaemente ao sujeito gordo que enlevado na contemplação da figura se resolvera por fim a compral-o. Depois fallando sempre bateu a caixa de phosphoros na beira do *Kiosque* e levando o vintem:

—Então não vae um massinho de cigarros ou o *Supplemento do Seculo* chegado hoje?

—Já tenho. Boa tarde Sebastião, e voltei-me para dar lume ao meu amigo; não o vi. Circulei o olhar. Estava a pouca distancia conversando com um sujeito que ao lado d'uma senhora nova e apoiado a uma bengalla grossa lhe battia alegremente o hombro com a mão.

Naturalmente olhei-os.

Ella era bonita elegante, olhos castanhos, mas sem nada que ferisse a retina por um traço de belleza, as feições um pouco empastadas mesmo.

N'elle uma coisa logo saltou bruscamente ao meu olhar admirado:—uma grande semelhança com uma photographia de Daudet aos 30 annos que eu conservava religiosamente encaixilhada na parede, sobre a minha meza de trabalho.

O mesmo nariz fino, d'uma correcção perfeita, a mesma testa larga e uns grandes olhos admiravelmente negros, pestanudos, sob umas sobrancelhas carregadas e quasi rectas. Como Daudet elle usava tambem barba toda, uma barba fina d'um castanho escuro. Trazia o chapéu molle um pouco para traz e uma *Lavalière* de seda preta cahida sobre o trespasse apertado do casaco.

Olhava-o agora attentiosamente; e repari que tinha uma perna, a direita, forçadamente estendida terminada por um pé cepudo a estalar dentro d'uma bota sem rugas. No joelho a calça cingia uma grande pretuberancia circular e rigida.

Positivamente aquelle homem, de cuja face risonha emanava a doce satisfação d'uma felicidade plena e satisfeita, aquelle homem com olhos de sonhador, com olhos de poeta, era coxo, tinha uma perna postica.

(Continúa).

Porto.

CASTRO LOPES.

DESALENTO...

AO JOAQUIM COSTA E JOÃO DE MEYRA.

Cada vez mais augmenta esta tristeza!
Cada vez mais se me escurece o dia!
Cada vez mais demora esta Agonia,
E sem um teu olhar, Minha Princeza!

As illusoens são como um fumo branco
Do cigarro q. fumo pela tarde;
Minhas paixoens, q. do meu peito arranco,
São fogo q. acalenta mas não arde...

Q. passos vagarosos me conduzem
Aos Portaes do Palacio do Não-Ser!
Q. lampadas tão tenues me reluzem
Na Abobada maldita do Sofrer!

Ando curvado como se tivesse
Por de cima de mim um mundo inteiro...
Porisso, ás noites, ergo a minha Prece
A' careomida Enxada do Coveiro!

Porq. caminho torvo, de vagar,
D'olhos abertos a guardar-me tôdo?
Porq. é q. me não deixo resvalar
No eterno turbilhão do eterno lôdo?!

Porq. não cruzo os braços contra o Peito
E assassino meu olhar maguado?
P'ra q. heide reagir, se já desfeito
Está meu Ideal q. tenho amado?!

P'ra q. heide reagir? de q. me val',
Se tudo se conspira, contra mim?
Para q. quero assassinar o Mal
Se o hei-de ter p'ra sempre até ao fim?

Ah! verdade cruel! tudo conspira
Contra o Sonho q. eu fiz, todo doirado!
Amor! Amor! tu és uma mentira!
Em parte alguma ainda, eu te hei achado!

Amor! Amor! ah! illusão que foga!
Fogo q. abraça e hallucina e mata!
Hontem claro! e vêde o que elle é hoje:
Ironia suprema que arrebatá!

Mulheres, Homens, Coisas, tudo, tudo
Se abraça n'uma idea toda igual
P'ra zombarem de mim inerte e mudo,
E atirarem-me ás fauces deste Mal!

E p'ra q. heide gritar e combater,
Se nem posso fitar a Multidão?
Inda se eu houvesse um peito de Mulher...
Mas nem isso possô! ... Oh! Maldição!...

Destino! Meu Destino! dá-me apenas
A força p'ra crusar estes meus braços
E deixar-me levar p'ra essas gehenas,
P'ra onde vão os Hístrioens devassos!

E o resto deixar ir! deixar correr!
Q. eu beije bem as ruas da Amargura...
Não sou eterno!... eu heide inda morrer...
E estão bem perto as portas da Loucura!

Coimbra, 27-1-901.

ALFREDO PIMENTA.

RECORDANDO...

Triste, sempre triste! Nunca um sorriso
pôde devassar o intimo do meu coração. Nunca. O manto negro da tristeza esconde-o eternamente das flores vermelhas côr de sangue ardente, que costumam emoldurar os sonhos candidos da mocidade. Jámais pude arrancar dos labios a taça negra do fel que em vão tento beber d'um só trago. Passa por sobre a minha alma dilacerada de dôr uma nuvem immensa, negra, sem fim, descommunal de desventura. Triste, sempre triste...

Eu já quiz, um dia, rasgar no coração a golpes de punhal a fenda por onde entrasse a Paz eterna. Mas, irrisão suprema! o ferro do punhal apenas soube gravar, indeleveis as letras amaldiçoadas que dizem—amor. Porque mais este espinho a dilacerar-me o peito? Amor!

E ca'cri' nelle; entreguei-me, abandonado, ás ondas cariciosas, lubricas do seio da mulher; busquei no seu colo o balsamo que me suaviasse as dôres lancinantes que o meu sombrio destino me deparava sempre.

Oh! conheci muitas, amei muitas com loucura, com devoção, com desvario, com desesperação! Quantas, nem eu sei. Lembra-me apenas que no rapido perpassar d'uma hora amava louca, desordenadamente uma immensidade. E cada uma d'ellas era um relampago de ventura que passava atravez as fendas gotejantes do meu coração, era, tambem, centenaes d'espinhos que me recortavam sem dô as fibras despedaçadas do meu peito!

O relampago passava no fugir rapido d'um sorriso que vem, fere, hallucina, deslumbra e desaparece. Os espinhos... esses ficavam e existem sempre, sempre agudos, sempre acerbos!

Mulheres!... soes que deslumbram e cegam, anjos que escravizam e matam, fadas que attrahem e aniquilam, seductoras e lindas, quem haverá ahí que não as tenha amado? Quem haverá ahí que não tenha quebrado fé, esperança, illusões, crenças, sonhos, a vida inteira d'encontro aos olhos malditos e desejados da mulher?...

Mulheres!... são ellas que nos embalsamam a vida por momentos e depois nol-a envenenam para todo o sempre. São ellas que nos fazem florir as illusões, filhas do amor e depois imperturbaveis, serenas e frias nos rasgam o peito com o punhal do Desengano! São ellas que primeiro nos mostram a figura triste, soubria e lugubre da Desventura!

Ah! pobres d'aquelles que como eu busquem no regaço d'uma mulher alivio á sua dôr, ficarão, como eu, tristes, sempre tristes!...

22-1-901.

ANTHISTENES.



Fazem annos as ex.^{mas} sr.^{as}:

- Dia 3—D. Eliza da Conceição Ribeiro.
 » 4—D. Virginia d'Abreu.
 » »—D. Anna Amalia Alvares Almada
 (Azenha).
 » 5—D. Rosa do Nascimento Soares Tei-
 xeira.
 » 7—D. Branca Magdalena d'Oliveira.
 » »—D. Maria do Carmo Oliveira.

E os ex.^{mas} srs.:

- Dia 6—Eduardo Manoel d'Almeida.
 » 9—Antonio Infante.
 » »—José de Freitas Costa Soares.

Casos e Occurrencias

A Memoria

Agradece ao tão illustrado como primo-
 roso correspondente de «O Primeiro de Ja-
 neiro» d'esta cidade, a transcripção dos arti-
 gos que foram publicados na sua correspon-
 dencia de 23 de janeiro findo.

Egualmente agradece ao collega «O
 Commercio de Guimarães» a transcripção
 que se dignou fazer no seu n.º 1552.

A evasão de presos

Dos dois presos fugidos da cadeia d'esta
 cidade, apenas foi ainda capturado o Anto-
 nio Gomes (o Vinagre) o qual respondeu no dia
 31 de Janeiro, sendo condemnado em 8 mezes
 de prisão. Era accusado de furto e arromba-
 mento n'uma casa no logar da Boucinha, em
 Santo Amaro. Consta-nos que vae ser removido
 para a Relação do Porto.

Não ha por enquanto indício da paragem
 do outro fugitivo.

Providencias

Pedimol-as, em nome dos habitantes de
 Guimarães, á nossa illustre vereação para a
 falta de repeso na praça do mercado. Di-
 zem-nos ser escandalosissimo o que se está
 passando com as vendedeiras de peixe. Isto
 que não deve custar dinheiro ao municipio,
 era bom que não fosse votado tanto ao
 abandono.

Tambem é frequente a lavagem de rou-
 pa com sabão no tanque das Dominicás (jun-
 to do convento) onde bastante gado cavalari-
 costuma ser levado a beber.

Seria bom que a sua attenção se fixá-se
 n'estas cousas que revelam sempre pouco
 cuidado nos executores do codigo.

Egreja de S. Damazo

Ha quatro annos que um grande tempo-
 ral derrubou a estremidade superior da cu-
 pula da torre d'esta egreja, e até hoje, não
 obstante ser ultimamente lavada a pedra da
 fachada, esse pequeno reparo não tem sido
 feito, a despeito do muito que se nota de
 qualquer ponto da cidade. Conviria que não
 se descursasse esta obra de reconhecida ur-
 gencia.

Avenida

Na avenida que foi aberta ao publico no
 principio do seculo, parece estarem mal cons-
 truidos os passeios, notando-se o appareci-
 mento de terra e cascalho á superficie do as-
 phalto.

Melhoramento

Dizem-nos que vae ser brevemente cal-
 cetado o logar que a antiga egreja de S. Se-
 bastião occupou na Praça de D. Affonso Hen-
 riques.

Louvamos essa resolução.

S. Sebastião dos Milagres

Da egreja parochial sahio no passado domingo a
 procissão de S. Sebastião dos Milagres, sendo real-
 mente uma das melhores que alli se tem feito.

Levava duas musicas, uma na frente e outra no
 couce, onde tambem seguia uma força de capitão.

Era grande o numero de devotos que acompa-
 nhavam o milagroso santo.

Houve, no final, as tres descargas do costume.

Syndicancia

No Grande Hotel do Toural, acham-se hospeda-
 dos os ex.^{mas} srs. Dr. Manoel de Azevedo de Araujo e
 Gomes, lente da Universidade, e Fortunato de Almei-
 da, secretario, nomeados para fazerem a syndicancia
 no lyceu de Guimarães.

JARDIM PUBLICO

A banda regimental executará hoje, se o
 tempo o permittir, da 1 ás 3 horas da tarde,
 o programma seguinte:

1.^a Parte

Hymno Nacional.
 Dadinagem—Polka—B. da Costa.
 Carmen—Phantazia—Dizet.
 Marieta—Mazurka.

2.^a Parte

Reverie—Quadrilha de walsas—Waldteu-
 fel.
 Fausto—Pot-pourri—Gounod.
 Parle—walse—Ardite.
 Le Tage—Ordinario.

Operação

Deu ultimamente entrada no hospital da Santa
 Casa, d'esta cidade, uma mulher natural de Cabecei-
 ras de Basto, com um ganchô do cabello dentro da
 bexiga, sendo-lhe extrahido pelo distincto clinico dr.
 Geraldo Guimarães, medico do mesmo hospital, auxi-
 liado pelos srs. drs. Chaves e Authero.

Sociedade Martins Sarmiento

Continuação da subscrição promovida para o augmento do seu edificio :

Transporte . . .	1:3053000
Padre Abilio Augusto de Passos . . .	55000
Antonio José Fernandes & Filho . . .	55000
Manoel José Corrêa—Porto . . .	105000
General Thomaz Julio da Costa Sequeira . . .	55000
Francisco Antonio Alves Mendes . . .	205000
Simão Alves d'Almeida Araujo . . .	105000
Commendador José Antonio Vieira Marques—de Braga . . .	105000
Dr. Jeronymo M. d'Almeida . . .	55000
Domingos José Ribeiro Calixto . . .	105000
Dr. Gaspar d'Abreu Lima . . .	55000
Dr. Domingos de Castro Meirelles . . .	55000

Somma... 1:3953000

Fallecimentos

Na linda idade de 23 primaveras, quando a vida só vê esperanças e illusões, pairando em todos os pensamentos uma grinalda de sorrisos e no agitar do mais leve frondes ou na phrase mais simples os encantos de verdadeira graça, foi, pois, n'essa idade, que a morte levou para além campá D. Anna Maximina Caldas Mello, extremosa filha do sr. Antonio Joaquim de Mello, ex-negociante d'esta praça.

A malograda joven, victima da terrível tuberculose, deixa as maiores saudades aos que a extremeciam e aos que tiveram a ventura de apreciar de perto as suas bellas qualidades e a excellencia do seu bondoso coração.

Hontem, pelas 6 e meia horas da tarde, realisaram-se, na igreja da Santa Casa da Misericórdia, os responsos por sua alma, sendo depois conduzida para o cemitério municipal.

A paz eterna substitua os poucos momentos que teve n'este mundo, e á desolada familia o nosso mais profundo sentimento.

Tambem hontem falleceu n'esta cidade, o sr. Ernesto Teibão d'Abreu, antigo negociante de ouro, morador na rua de S. Paio.

A' sua estimada familia o nosso pezame.

Noticias militares

Apresentou-se, da demora que lhe havia sido concedida pelo ministerio da guerra, em 20 do mez findo o sr. tenente-coronel d'infanteria n.º 20 José Joaquim Simões de Campos.

Pela secretaria da guerra foi concedida demora por 10 dias desde 25 ao sr. major Irminio Eduardo Tito Barreto, que se achava no goso de licença disciplinar em Setubal.

Commandou a força que acompanhou a procissão de S. Sebastião dos Milagres, o sr. capitão Caria, tendo como subalternos os snrs. tenente Prado e alferes Villas.

Foi submittido a exame, no dia 31 do mez findo, para alferes da reserva, ficando approvedo, o segundo sargento sr. Borlido Junior.

Por ordem do quartel-general foram mandados para caçadores n.º 3, 35 recrutados d'infanteria 20.

Corrigenda

Na formosa poesia *Religio* do nosso numero transacto, onde se lê PSALTERE, deve lêr-se PSALLERE.

CHRONICA DE COIMBRA

Um passeio a Lavos

Na discussão de companheiros de quarto se gastou uma boa meia hora de somno, resolvendo-se finalmente o seguinte:

Que no primeiro quarto ficasse o Alberto Jorge, sósinho, pois podia sonhar com os nobres feitos d'aquelle que descobriu o caminho para a India, e não deixar dormir qualquer parceiro com a descripção das suas glorias amorosas;

Que no segundo quarto ficassem o José d'Oliveira e meu irmão, embalados nas *candidas mãos de um romantico luar* que entrava pela janella semi-aberta, indo reflectir-se no espelho:

E que nós (Manoel Bernardino, Alberto Carneiro, Eduardo d'Almeida e eu) dormissemos todos num mesmo quarto;—os tres calóiros deviam ficar juntos, e alguém havia de guardal-os...

Arranjamos então uma sala grande no segundo andar, e depois de tudo disposto, deitamo-nos... e tentamos adormecer; mas não havia meio de se acabar com a travesseirada; nenhum queria dar parte de fraco.

Um apagava a vela... outro accendia-a... isto uma porção de vezes, e sempre um reboção medonho. Perto das tres horas e meia os animos foram socegando... Dentro em pouco, o Manuel e o Carneiro resonavam; o Eduardo rouquejava ainda o resto de uma *lenga-lenga*, mixto de litteratura e politica, de sciencia e amor...

Ao longe o murmurio das vagas... uns carros de bois que passavam chiando...

Adormeci.

A's sete horas e meia da manhã estava já a vestir-me.

Despertei os meus companheiros, e tratei de os pôr fóra da cama.

—«Toca a levantar, seus preguiçosos! Parece que não dormiam já ha quinze dias...»

—«Quem é o bruto que não me deixa dormir?» resmungou o Manuel com os olhos ainda cerrados.

—«Deixae-me saborear este somninho da manhã!» supplicava o Eduardo. E voltou-se para o outro lado.

Acabei de me vestir e desci ao primeiro andar para accordar os outros pandegos.

Os quartos d'estes communicavam com a sala de visitas, cujas janellas abri com ruido.

—«Bertinho! Bertinho!» e bati de mansinho á porta do quarto do Jorge. «Ainda dormes, minha #ôr?»

Nada. Não se dignou responder. Fui então incomodar a porta do quarto dos Zés.

—«O' malandros! Já está o almoço na mesa...»

—«Massador!!» repontou com voz rouca meu irmão. «Ainda é cedo!»

—«O que lamento é a porta estar fechada por dentro. Encontrasse-a eu aberta...»

Coimbra 31—1—1901.

(Continuarci)

FERALDO FLAVIO.

Chronica vimaranense

Então v. ex.^a senhora D. Chronica, ha quinze dias que nos deixou sem nos dar a menor noticia da sua sympathica pessoa!

—Ah! muito obrigado, são favores que não mereço porque nunca a minha ausencia pode causar saudades.

Engana-se minha senhora. Que havia de ser de nós, se a bondade e prespicacia de v. ex.^a não viesse orientar-nos do grande voltejar dos acontecimentos? Pois v. ex.^a não é quem nos reproduz todas as novidades, um dito, uma passagem qualquer, pondo-nos ao par de tudo que se passa!

—Sim, sim, tudo isso feço; mas nem sempre é possível porque tambem se toraa necessario, uma vez por outra, haver, como nos collegios ou repartições publicas, alguns dias de ferias!

Ah! então andou a gosar as ferias de janeiro! não é má!... deve ter muito que nos contar em tão prolongada ausencia.

—Oh! tenho muito que dizer, lá isso tenho, mas nem tudo se pode contar. Como o meu feitio é fallar, não me torne a interromper e ouça:

Dois domingos são decorridos sem que tenha conversado com os apreciaveis leitores d'A Memoria. A estima que elles me tem consagrado obriga-me, visto ter de occupar novamente este lugar, a dar conta das minhas observações; mas quem ha ahi que diga tudo o que se sabe? Nada, o melhor é contar pouco, mas sempre ir contando...

Como é sabido, a minha illustre' pessoa (permittam-me o qualificativo, em obediencia ao bello sex^o) para dar principio ás ferias que me foi possível obter, tive que mudar de *toilette*, e como não gosto de susceptibilidades, fui adquirir aos melhores estabelecimentos de modas tudo o que precisava.

E com franqueza, n'esta quadra de terrivel frio, tive a felicidade de me vestir, com todos os requisitos da moda, fazendo uma despesa relativamente pequena.

Não me tendo utilizado das ferias do natal, deixei terminar esse bom seculo que nos deixou algo de saudade e esperei que as nossas casas de modas organisassem o seu balanço, para conseguir algum desconto nas fazendas que desejava comprar. Assim foi, e a economia, como faz parte da boa administração, não teve medo em errar attentas as circumstancias da espera. A parte financeira deve estar sempre em harmonia com a gravidade.

Para isso tive de percorrer todos os

estabelecimentos, principiando no Salgado: fui ao Oliveira & Silva, Loja do Porto, Macedo, Viuva Moreira e Albino Cardoso, obtendo, visto os baixos preços que fazem ás ultimas fazendas da estação, uma decente e completa *toilette* sem agravamento de finanças!

Isto desde as finas meias de fio de escocia até ao *aygret* do chapéu.

Assim preparada, tenho feito uma verdadeira excursão, obtendo bons dados para dosopilar o figado.

Assisti á romaria do Santo Amaro, á bom organizada procissão de S. Sebastião Novo; e á grandiosa procissão de S. Sebastião dos Milagres.

Depois, como bem podem calcular, percorri algumas ruas da cidade, não só para ser vista (fraquezas do sexo) mas para dizer alguma cousa do que apparecesse de novo.

Porem, nada posso dizer, encontrei-a como ha dois annos, sempre a mesma phisionomia, sem um arranco d'essa mocidade digna e respeitosa que a todos encheu de esperanza!

A maior novidade do seculo é a Avenida do Commercio, sem o dito!

E, segundo o illustrado correspondente do «Janeiro», a genial denominação foi uma felicidade para nós, porque temos a lucrar com a economia da illuminação publica, visto os estabelecimentos terem obtido licença para se conservarem abertos toda a noite!!!

O diabo foi o grande desastre do porco que na sua terrivel queda, mettu o focinho no maior **Progresso** dos dois seculos!

Não me foi possível ir á romaria da Senhora da Luz, que hontem se realisou. O mau tempo não deixou brilhar as primeiras mascaras que alli costumam apparecer.

A companhia Cardinali, que tem exhibido os seus trabalhos no theatro D. Affonso Henriques, tem merecido as boas graças do publico, tendo uma concorrência de espectadores muito rasoavel.

Termo por hoje, o frio é tão intenso que se não póde escrever, até a nossa Penha hontem de manhã se apresentou toda coberta de neve.

ARMANDO D'OLIVEIRA.

ANNUNCIOS

ALFAIATE

João da Rocha, morador na rua de S. Torquato n.º 3, promptifica-se a ir trabalhar pelas casas, executando toda a obra de facto para homem.

A. VASCO LEÃO

Vinho verde puro engarrafado
DA
QUINTA D'ARCA

A' venda na mercearia do
ex.^{mo} snr.

SILVESTRE GOMES TEIXEIRA

—Largo do Tournal—
GUIMARÃES

ARNALDO PEREIRA

LAGRIMAS D'ALMA

1 volume de poesias, preço 500 reis

Pedidos ao auctor
Guimaraes

VIDA E AVENTURAS ADMIRAVEIS DE Rubinson Crusó

Este celebre romance de Daniel Defoe, d'uma leitura absolutamente inofensiva e repleto ao mesmo tempo d'attractivos e aventuras maravilhosas passadas em muitas regiões ainda hoje pouco conhecidas, constitue um dos mais preciosos brindes que se podem offerecer a uma creança.

A obra completa formará um unico volume in-4.^o grande e n'um formato elegante.

A Empreza offerece a todos os srs. assignantes um valioso brinde

Reprodução d'um dos melhores quadros existentes

NO
MUSEU NACIONAL DE BELLAS-ARTES

Cada fasciculo semanal de 16 paginas e uma bella gravura em separado ou duas gravuras intercaladas no texto e uma capa

50 réis

Pedidos á Empreza do

Cada série mensal brochada, com 80 paginas e 7 e 8 gravuras, sendo 2 ou 3 em separado e uma capa illustrada.

250 réis

ATLAS DE GEOGRAPHIA UNIVERSAL
—LISBOA—

TYPOGRAPHIA

DE

ALBANO PIRES DE SOUZA
ANTIGA SILVA CALDAS

120—Rua da Rainha—122—Guimarães

Impressão de bilhetes de visita desde 120 reis o cento; circulares, facturas, mapas, memoranduns, acções, cheques, enveloppes timbrados e todos os mais impressos para commercio, camaras municipaes, administrações de concelho, repartições de fazenda, juntas de parochia, irmandades e cartorios; rotulos para pharmacia e para vinho; cartas funebres; programmas e bilhetes de espectaculos; recibos e diplomas para associações.

Trabalhos typographicos em todos os generos, desde o mais pequeno ao maior formato.

Preços de todas as obras sem competencia.
Carimbos de borracha, metal e madeira.